

OS MEDICAMENTOS GENÉRICOS NOS CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS

Dr. Luís Pisco
Médico

A vasta maioria dos Médicos de Família portugueses prescreve, habitualmente, um número limitado de medicamentos. Trata-se de um conjunto de fármacos de que o Médico de Família conhece bem, entre outras características, as indicações e as contra-indicações bem como as interações com outras drogas.

Construímos este formulário pessoal ao longo do tempo, com base nas evidências científicas que vão sendo disponibilizadas, na nossa experiência clínica e na efectividade e eficiência que esses medicamentos vão demonstrando na resolução dos problemas clínicos do dia-a-dia.

NAS ESCOLHAS QUE FAZEMOS, TEMOS SEMPRE EM CONTA O QUE VAMOS ESTUDANDO E APRENDENDO AO LONGO DOS ANOS, TENDO EM VISTA DISPONIBILIZAR AS MELHORES OPÇÕES TERAPÊUTICAS AOS NOSSOS DOENTES.

Com o correr do tempo, vamos introduzindo e retirando medicamentos desta nossa lista, em função da experiência adquirida e das novas alternativas terapêuticas mais potentes e com menos efeitos secundários. Enfim, conforme a ciência vai evoluindo.

A par com este conhecimento pessoal, adquirido ao longo dos anos, nas escolhas que fazemos vai ganhando terreno, a cada dia que passa, a partilha de informação entre os Médicos de Família sobre as terapêuticas mais adequadas a cada caso. Isto porque os Médicos de Família portugueses trabalham cada vez mais em equipa, num processo de reforma dos Cuidados de Saúde Primários iniciado em 2005.

Neste novo contexto, os Médicos de Família organizados em Unidades de Saúde Familiar (USF) ou em Unidades de Cuidados de Saúde Primários (UCSP) irão beneficiar de um maior apoio às suas decisões de prescrição, seja por partilha de informação inter-pares, seja por estratégias que os Agrupamentos de Centros de Saúde – onde aquelas



design | www.meaction.com

*Especialista em Medicina Familiar
Coordenador da Missão para os Cuidados de Saúde Primários
Membro do Editorial Board da Revista "Quality in Primary Care"*

Fellow da Associação Mundial de Médicos de Família (WONCA)

*Fellow do Royal College of General Practitioners
Director do Instituto da Qualidade em Saúde (Abril 99 a Outubro 2005)*

Presidente da Direcção da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral. (Janeiro 99 a Junho 2009)

Membro da Direcção da Sociedade Europeia de Medicina Familiar (2001 a 2007)

unidades se integram – implementem, visando promover prescrições mais custo-efectivas, respeitando sempre a autonomia e independência de cada médico.

O crescimento dos gastos com a saúde em praticamente todos os países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e a União Europeia (UE), tem suscitado um intenso debate sobre a situação financeira do sector, bem como sobre as principais medidas e reformas a introduzir, visando sempre uma maior efectividade (se os tratamentos resultam) e eficiência (utilização optimizada dos recursos), dois pilares fundamentais do SNS e duas dimensões da qualidade que importa assegurar.

Trata-se de um exercício complicado, que os decisores políticos cada vez mais têm que enfrentar: conciliar a procura crescente dos serviços de saúde com os orçamentos disponíveis, sempre escassos. Ou seja, compatibilizar a satisfação

das necessidades dos consumidores e dos prestadores, a equidade no acesso e nos resultados de saúde, com a optimização da efectividade e da eficiência no sector.

No universo da saúde, a despesa com medicamentos é a que, ano após ano, mais tem crescido. Um crescimento que poderá mesmo colocar em causa a sustentabilidade do sistema de saúde, tal como o conhecemos.

PARA CONTRARIAR ESTA TENDÊNCIA, GOVERNOS DE TODO O MUNDO TÊM FOMENTADO A UTILIZAÇÃO DE MEDICAMENTOS GENÉRICOS. UMA ESTRATÉGIA QUE, NA ÚLTIMA DÉCADA, SE TEM REVELADO COMO SENDO A MAIS EFECTIVA PARA MELHORAR A EFICIÊNCIA DO CONSUMO FARMACÊUTICO.

De facto, do baixo preço e do aumento da utilização de medicamentos genéricos, resultam economias muito significativas.

Todavia e apesar das vantagens referidas atrás, há ainda quem levante dúvidas sobre a qualidade destes medicamentos e se questione sobre se não serão medicamentos de segunda classe. Perguntam: estarão os médicos a ser empurrados para a prescrição de medicamentos mais baratos que não são no melhor interesse dos seus doentes? Outra questão que se coloca é sobre o comportamento e a credibilidade da indústria de genéricos em Portugal.

Trata-se, obviamente, de falsos problemas.

Independentemente das questões de racionalidade económica que justificam a utilização de genéricos, não há como negar as garantias oferecidas por estes medicamentos. Existe vasta evidência sobre os bons resultados clínicos obtidos com a utilização destes medicamentos. Como também está perfeitamente demonstrado que os medicamentos genéricos têm a mesma composição que os medicamentos ditos “de referência”. Oferecem ambos as mesmas garantias de qualidade, segurança e efectividade. A evidência científica apoia a equivalência terapêutica entre medicamentos genéricos e de marca.

A credibilidade das empresas farmacêuticas que produzem medicamentos genéricos não será muito diferente

da credibilidade da Indústria Farmacêutica em geral. Desde logo porque muitas das empresas que produzem e comercializam genéricos, são também empresas de investigação, responsáveis pelo desenvolvimento e comercialização de novos medicamentos.

As garantias de defesa da saúde pública na utilização de medicamentos, sejam eles genéricos ou de marca, não podem estar dependentes da credibilidade deste ou daquele laboratório. Elas são asseguradas pela implementação dos mecanismos de garantia e controlo de qualidade, asseguradas em cada país pela respectiva entidade reguladora do medicamento. Em Portugal, esse papel é desempenhado pelo INFARMED, Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, IP.

A possibilidade de nos próximos anos o mercado de genéricos atingir em Portugal uma quota idêntica à que se regista em países que são para nós referências na área da saúde, como a Dinamarca, Holanda ou o Reino Unido, dependerá, em grande medida, da vontade da indústria farmacêutica produtora de genéricos de alargar o portfólio de medicamentos disponíveis entre nós, que é ainda reduzido quando comparado com o de outros países mais desenvolvidos. Mas dependerá, sobretudo, das medidas que o Governo venha a tomar para incentivar este mercado, que embora tenha registado em Portugal um crescimento sem paralelo quando comparado com os restantes países que integram a União Europeia, ainda está muito aquém de atingir todo o seu potencial.

TERMINO COM UMA MENSAGEM QUE IMPORTA FIXAR: CONTRARIAMENTE AO QUE TEM SIDO AFIRMADO POR ALGUNS, OS MÉDICOS, E PARTICULARMENTE OS MÉDICOS DE FAMÍLIA, ADERIRAM EM MASSA À PRESCRIÇÃO DE MEDICAMENTOS GENÉRICOS.

São eles, aliás, os maiores prescritores de genéricos, responsáveis pelo crescimento verdadeiramente exponencial que o mercado destes medicamentos registou, nos últimos anos, em Portugal.



Pode Confiar!



Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde I.P.

www.infarmed.pt/genericos